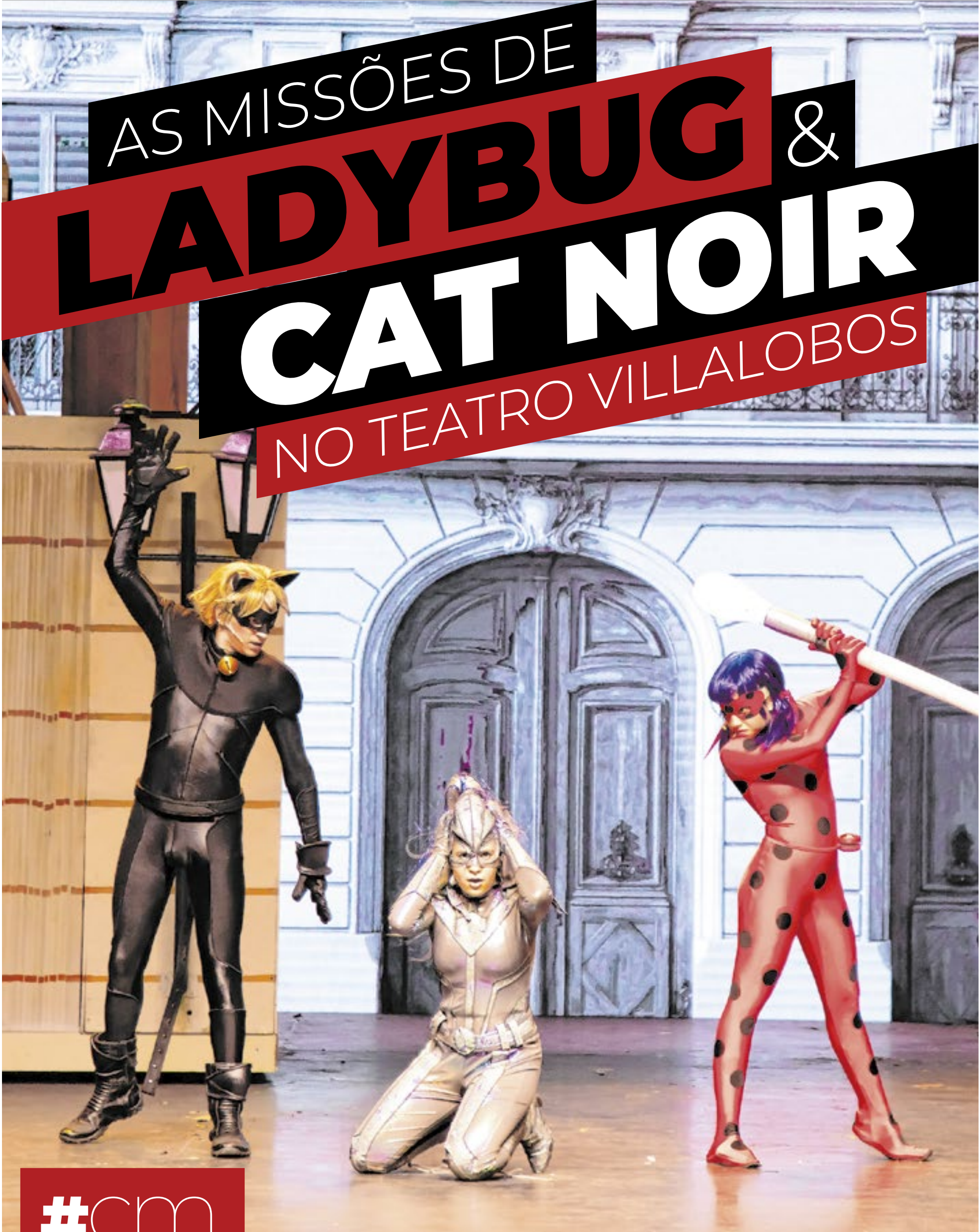




#cm

2

FIM DE SEMANA

“Miraculous® Ladybug: O Show Musical” chega aos palcos de **São Paulo neste sábado**, com Isabella Daneluz e Enzo Campeão nos papéis principais. Em entrevista ao **Correio da Manhã**, os protagonistas revelam **os desafios** de dar vida aos heróis e contam como a **amizade, a coragem e o trabalho em equipe** ganham espaço na montagem. **Página 16**

Autoralidades

no arranque da Première



Emília Silveira, Lucia Murat e Guilherme Coelho abrem os caminhos para a disputa pelo Redentor de 2026, numa seleção repleta de grifes de direção de prestígio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Uma trinca de vozes autorais de gerações distintas – duas delas consagradas por experiências anfíbias entre documentário e ficção e uma linkada ao jornalismo – vão inaugurar a competição oficial de longas da Première Brasil 2026. De um lado tem Emília Silveira e seu “Uma Missa para Dom Angélico”; do outro, Lucia Murat, com “O Sertão das Nossas Memórias”, e, por fim, Guilherme Coelho, com “Oceânico”. As sessões deles serão na Estação Claro Gávea 4 e 5, a partir das 17h. Ali será dada a largada para um certame que terá a produtora espanhola Esther García no comando do júri.

A saga de Dom Angélico, feito pela realizadora de “Setenta” (2013) e “Callado” (2017), parte já do nascimento dele numa família pobre e se destaca no seu apoio aos movimentos sociais que eclodem no final dos anos 1950. É a saga de como ele vira o bispo dos oprimidos e das passeatas, da luta por mais moradia e melhores condições de vida para os trabalhadores. Ele comandou multidões nas missas por direitos humanos. No jornalismo, informou comunidades com o Grita Povo. Perseguido pela ditadura militar,



‘Missa para Dom Angélico’ conta a manha de Emília Silveira no trato com o real



Lucia Murat concorre ao Redentor de melhor doc com ‘O Sertão das Nossas Memórias’



Ana Carbatti é a estrela de ‘Oceânico’, de Guilherme Coelho

enfrentou a polícia, foi detido e ameaçado várias vezes, mas nunca se calou. Viveu 92 anos acreditando em Deus e na democracia.

Com Dudu Miranda na fotografia, a aclamada diretora de “Quase Dois Irmãos” (2004) se lança num road movie que viaja do Rio de Janeiro ao sertão da Bahia. Com a ajuda de três sobreviventes,

a produção revisita um massacre de 1971, ocorrido sob a ditadura militar. O ataque tirou a vida do capitão Carlos Lamarca — inimigo público número um do regime — e de José Campos Barreto (Zequinha), líder comunitário e ex-dirigente de uma greve operária.

Contando com a luz da fotógrafa Flora Dias, o realizador de “Fala

Tu” (2003) se afina com o talento de Ana Carbatti em sua investida pelas veredas ficcionais de “Oceânico”. Em seu enredo, Adyr (Carbatti) é uma brilhante cientista que, após perder o marido para o alcoolismo, descobre na medicina psicodélica a chave para a cura dessa doença. Quando se torna alvo de um grupo interessado em se apropriar de seu trabalho, ela se vê ameaçada e sem saber em quem confiar. Agora, precisará lutar para proteger sua pesquisa, sua vida e a de seu filho, Tom.

Na competição de ficção, “Oceânico” terá pela frente outros nove candidatos. Além do longa de Guilherme Coelho, concorrem “Diário do Fogo”, de Maju de Paiva e Bernardo Florim; “Ela Foi Ali Guardar o Coração na Geladeira”, de Cristiane Oliveira e Gustavo Galvão; “O Filho da Puta”, de Erica Maradona, Tania Anaya, Otto Guerra e Sávio Leite; “Funk”, de Aly Muritiba; “London”, de Victor Di Marco e Márcio Picoli; “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias; “Maria de Maria”, de Luiza Shelling Tubaldini; “A Professora de Francês”, de Ricardo Alves Jr.; e “Vicentina Pede Desculpas”, do mineiro Gabriel Martins, que chega ao Rio após sua passagem pela disputa da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián.

Já Emília Silveira e Lucia Murat enfrentam seis títulos na competição de documentários. Estão na corrida “Alucinação”, de Renato Terra, Marcos Caetano e Leo Caetano; “Cão Sem Plumas”, de Camila Valença; “Dragões”, de Miguel Antunes Ramos; “Elza”, de Eryk Rocha; “A Extraordinária Vida de Vera Valdez”, de Fabio Meira; e “Fui Olhar

Você Dormir”, de Anna Azevedo. É uma disputa de grifes autorais aclamadas.

Na competição de curtas-metragens, o Redentor será disputado por onze exercícios de poesia em pílula: “3x4”, de Juliana Tizatto; “Better Future”, de Jungle; “Boulevard Arrudas”, de Matheus Moura; “A Casa de Dona Carlota”, de Lili Fialho e Bruna Linzmeyer; “Fissuras”, de Diana Coelho; “Fortaleza”, de Michel Stolnicki; “Joqueta”, de Luciana Vieira; “Lagoa do Abandono”, de Diego Maia; “Pedra-Mar”, de Janaína Lacerda; “Reteté”, de Donna Oliveira; e “Santo”, de Maria Luísa Alves.

A Novos Rumos, braço competitivo dedicado à descoberta e à experimentação, põe oito longas na corrida: “144 - Apocalipse Não”, de João Paulo Cuenca; “O Deserto de Luiza”, de Alan Minas; “Isabel”, de Gabe Klinger; “Jardim dos Silêncios”, de Henrique Dantas; “Malick”, de Cassio Tolpolar e Modou Awa Dieye; “Não Estamos Sonhando”, de Ulisses Arthur; “Talismã”, de Thais Fujinaga; e “Turma 101”, de Wagner Novais. Essa turma será julgada por um time à parte, liderado pela montadora Karen Harley, incluindo a produtora Dora Amorim, o cineasta Guto Parente e a roteirista e educadora Máira Oliveira.

O júri da disputa principal, chefiada pela já citada Esther García (que produz na El Deseo, da Espanha, os filmes de Almodóvar) conta ainda com a compositora Flavia Tygel, a programadora da Berlinale Jacqueline Lyanga; a diretora de elenco Marcela Altberg; a produtora Sophie Erbs; e o ator Gabriel Leone.

Um novo prêmio para o nosso jeito de fazer cinema

Iniciativa do Correio, o Olhar Brasil vai premiar os melhores longas de ficção e documentário em evento paralelo do Festival do Rio



DA REDAÇÃO

Este ano, a **Première Brasil** do Festival do Rio terá uma **lauréa** muito especial a mais, dada por um **colegiado** paralelo, sob o referendo da imprensa livre. Com expressivas premiações nos mais importantes festivais internacionais, o cinema brasileiro é uma das mais potentes formas de o país

olhar para si mesmo, revelando suas **contradições**, **afetos**, **territórios**, **memórias** e **transformações**. É a partir dessa compreensão que o Correio da Manhã cria o **Prêmio Olhar Brasil**, dedicado aos filmes brasileiros participantes do Festival do Rio.

A iniciativa, que vai premiar os melhores longas nas categorias de **ficção** e **documentário**, reafirma o compromisso do histórico do jornal com a cultura, com a valorização da produção artística nacional e com o reconhecimento dos profissionais que transformam ideias e diferentes perspectivas sobre o país em cinema.

“Ao instituir o Olhar Brasil no ambiente do Festival do Rio, um dos principais encontros do calendário cinematográfico nacional, o Correio da Manhã reafirma a cul-



tura como parte essencial de sua identidade editorial e estabelece um espaço permanente de reconhecimento do cinema produzido no país”, pontua **Cláudio Magnavita**, publisher do Correio.

Os filmes contemplados pelo Olhar Brasil serão anunciados no próximo domingo (11), horas antes

da cerimônia oficial da premiação do Festival do Rio, no site do Correio (www.correiodamanha.com.br). Seu júri traz a **Secretária Executiva do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM/RJ)** **Paula Martinez Mello**; o crítico de música e resenhista do **Rota Cult** **César Monteiro**; o crítico e apre-

sentador do programa online “**Momento Crítico**” (do canal **Set Por Sete**) **Gustavo Valente**; o crítico titular do Correio, **Rodrigo Fonseca**; e o jornalista **Affonso Nunes**, editor do **#CM2** e idealizador do projeto.

“O nome da premiação sintetiza a essência da premiação: ‘olhar’ é o princípio tanto do cinema quanto do jornalismo — duas formas de observar a realidade, revelar histórias e interpretar seu tempo”, destaca **Affonso**. “Com o Olhar Brasil, o Correio cria um espaço de reconhecimento e visibilidade para a autoridade de nosso audiovisual e reforça a cultura como parte essencial de sua identidade editorial, pois sabemos que olhar para o cinema brasileiro é olhar para o nosso próprio país”, completa.

“Mais do que distinguir uma obra, o Olhar Brasil pretende celebrar o conjunto de profissionais que transforma ideias em cinema: diretores, roteiristas, atores, produtores, técnicos e criadores que ajudam a construir e renovar o audiovisual brasileiro”, enumera **Rodrigo**.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.

O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS

RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA DO CORREIO DA MANHÃ

PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA E SECRETÁRIA DO CEDIM

CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA

AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ

GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SET POR SETE E APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO

Realização:
Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita



Pitico



Sedução



Mario Carneiro - Gravura Feita de Luz

Brasiliidades

para iluminar o

Presente



De olho no futuro, a *Première Brasil* celebra titãs de outrora, convida novas vozes autorais e aposta em talentos estreantes a fim de dar ao Festival do Rio um projeto de cinema vivo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nenhum dos 14 títulos escolhidos ao longo de um contingente de 118 produções nacionais se posiciona nas raias da competição pelo troféu Redentor, mas contam com a benção do nosso Cristo, o símbolo do Festival do Rio, e da estética de invenção deste país. Um dia depois de ter elencado as bossas estrangeiras da maratona carioca, o Correio da Manhã atraca no pier da *Première Brasil*, com sugestões de iguarias imperdíveis.



Se Eu Fosse Você 3

FEITO PIPA, de Allan Deberton: Terça que vem, às 21h15, o Centro Cultural FGV, em Botafogo, que passa a fazer parte do circuito festivaleiro do Redentor, vai explicar aos cariocas o porquê de uma “Sessão da Tarde” tão politizada ter se tornado o nosso

representante para o Oscar, à força de Yuri Gomes. Esse baiano recém-saído dos dentes de leite vive Gugu, craque de bola de orientação queer, órfão de mãe, que precisa viver com o pai conservador (Lazinho Ramos) ao ver sua avó amada, Dilma (Têca Pereira), ser

maculada pela demência. A Berli-nale deu o Urso de Cristal a esta história de amores, que passa no dia 8 no Kinoplex.

MR. WONDERFUL, de Susanna Lira: Como fazer um festival brasileiro de cinema bom sem ter

um .doc da Susanna? Laureada faz pouco em Gramado, com um longa arranca-lágrimas sobre o cancionista de Gonzaguinha, ela volta agora, com roteiro de Simone Melamed, para falar de Luiz de Freitas, o primeiro estilista negro do Brasil. Nascido em Pau Grande, no inte-



Flor de Fogo



Overman



Cinema Possível

rrior do Rio de Janeiro, ele desafiou convenções. Revolucionou a moda masculina brasileira com sua bossa.

AMOR E FÉ – CHICA XAVIER, de Clementino Junior: Francisca Xavier Queiroz de Jesus (1932-2020) é viva. Vive na saudade da gente, na memória das lutas decoloniais do Brasil, nos acervos da TV, nas recordações das batalhas do

povo preto deste país para ser respeitado e... agora... viverá lindamente na programação do Festival do Rio 2026. Atriz do mais alto quilate dramático, Chica nasceu em Salvador, em 22 de janeiro de 1932. É baiana de Oyá. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1953, onde se tornou um ícone do teatro, cinema e televisão, consagrando-se como símbolo de representatividade para gerações

de atores e atrizes negros. Seu filho conta seu périplo pelo sucesso.

OVERMAN, de Tomás Portella: Talento que ainda desfruta do prestígio merecido, o diretor de “Desculpe O Transtorno” (2016) e “Operações Especiais” (2015) se embrenha pelas HQs da Laerte a fim de dar ao nosso cinema um super-herói que seria reprovado pelos Vingadores e faria o Deadpool passar vergonha. Assim mesmo, o Overman de Caco Ciocler é chamado pelo governador do Rio para a Secretaria de Segurança Pública. Diante do talento magistral de seu protagonista, essa convocação é justificável. E dela há de brotar um mar de risos.

SE EU FOSSE VOCÊ 3, de Anita Barbosa: Neste momento de espocar rojões pelos quase 4,7 milhões de pagantes de “Minha Melhor Amiga”, um potencial novo blockbuster avança atrás de espaço em circuito, retomando uma franquia que vendeu cerca de 10 milhões de tíquetes na primeira década deste século, em 2006 e 2009. Duas décadas após a última troca de corpos, Helena e Cláudio (Gloria Pires e Tony Ramos) vivem uma nova fase ao lado da filha, a chef Bia (Cleo Pires), agora adulta e casada com o guia de um parque turístico (Rafael Infante). Tudo parece em equilíbrio até que ela troca de consciência com seu amado, da mesma forma como se passou com seus pais. O roteiro de Leandro Soares é hilário.

AMADEO E O HIPOTÉTICO MUNDO NOVO, de Brenda Lígia, Edu Felisioque e Everton Amorim: Revelado mundialmente em concurso no Festival Internacional de Cinema de Xangai, esta delícia de animação apresenta uma fantasia histórica ambientada no Brasil de 1830 e acompanha Amadeo, jovem negro de origem africana, sensível e genial, que inventa a câmera fotográfica antes dos europeus. Com sua criação, ele passa a auxiliar a libertação de pessoas escravizadas enquanto vive uma paixão impossível pela filha de um poderoso barão.

O CINEMA POSSÍVEL, de Luiz Carlos Lacerda: Cada vez mais inquieto na raia documental, o poeta e diretor que o cinema brasileiro



Flora e Airtto - O Som Revolucionário

aprendeu a respeitar (e a amar) com o apelido de Bigode registra de forma engenhosa – e divertidíssima – os feitos de Carlos Vinícius Borges, o Cavi, espécie de Netflix humana, que veio do judô e virou produtor, cineasta e agitador cultural.

MARIO CARNEIRO - GRAVURA FEITA DE LUZ, de Beth Formaggini: Produtora de artesanos (do naipe de Eduardo Coutinho e Paulo Cezar Saraceni), a diretora de “Pastor Cláudio” revisita o histórico do artista plástico, diretor de fotografia (magistral) e realizador que iluminou “A Casa Assassina-da” (1970) e “500 Almas” (2004). A montagem de Flavia Celestino aproxima sequências dos filmes que dirigiu ou fotografou de sua obra como pintor expressionista e gravador, revelando transdisciplinaridades.

VIVO 76, de Lírio Ferreira: No primeiro semestre, o É Tudo Verdade e a CineOP serviram de ribalta a este óvni de DNA pernambucano que se vende como documentário, mas parece uma ficção científica, daquelas que o quadrinista Moebius fazia nas HQs, como “O Rola-Doi-da” e “Arzach”. Aparentemente, seria um resgate dos bastidores do LP lançado por Alceu Valença há 50 anos, só que seu diretor não se aguentou e, num faniquito de invenção, transformou em performance a massa de recortes de época que tinha e o próprio músico. Faz do rapsodo lisérgico Alceu o seu Major Grubert (o herói psicodélico e psicotrópico de Moebius). O resultado dessa metafísica de Lírio é um bicho indomável que “avoa” nas telas avesso a rótulos.

PITICO - HERMES AYRES AZEVEDO (1881-1959) - HISTORIADOR DA PROVÍNCIA, de Julio Bressane: Hoje octogenário, o mestre da realização que nos deu “O Anjo Nasceu” (1969) e “Filme de Amor” (2003) levou ao Filmfest München, na Alemanha, este ensaio poético (com Paulo Betti) sobre Hermes Ayres Azevedo (1881-1959), historiador apaixonado por sua cidade do interior. Leitor de cartas e documentos do passado de sua província, ele colhe na escritura a mão a emoção, o sentimento, a cultura, as forças obscuras e trágicas, o sentir dos que haviam gravado.

Pitico, como é chamado, lê, estuda e decifra as configurações particulares do Tempo.

FLORA & AIRTO: O SOM REVOLUCIONÁRIO, de Jom Tob Azulay: Mestre da realização com cults como “Os Doces Bárbaros” (1977) em seu currículo, Jomico dá de presente aos tímpanos e aos olhos da gente um estudo sobre o célebre casal de músicos Flora Purim e Airtto Moreira, que marcou o panorama da música brasileira e mundial a partir dos anos 1970 como pioneiros da jazz-fusion. Durante uma gravação fonográfica nos dias de hoje, o .doc entrelaça as vidas pessoais e profissionais dos dois artistas no passado e no presente.

PAI DE PRIMEIRA VIAGEM, de Mariana Youssef: Lito Mendes da Rocha é o fotógrafo deste road movie cujo combustível é a força da natureza chamada Murilo Benício. Numa trama em fricção, um comediante fora de forma (Murilo) e seu filho de 17 anos (Kevin Vecchiato) partem em uma viagem de última hora. Incapazes de se entender, esses dois modelos opostos de masculinidade colidem em um carro apertado.

SEDUÇÃO, de Zelito Viana e Marcos Palmeira: O astro dos remakes de “Renascer” (1993) e “Pantanal” (1990) estreia na realização de longas em parceria com seu pai, um bamba do Cinema Novo, para narrar a saga de um ator em crise que vai aos confins da região Norte a fim de enterrar uma figura paterna controversa e desenterrar um novo caminho para seus afetos. Dira Paes vive uma cantora que vai iluminar sua reinvenção.

FLOR DE FOGO (“Hanabi”), de Ana Vaz: Rodado no Japão ao longo de dez anos, a produção observa um país submetido a uma ameaça mortal, sob o trauma de um terremoto e as instabilidades oriundas a uma catástrofe nuclear. Atravessando uma série de testemunhos e experiências, há um livro diário, “Journal of a Radioactive Brain”, da escritora Yoko Hasuke. Suas páginas nasceram na esteira do tsunami e do desastre atômico que se seguiu ao terremoto de Tohoku. Dele nasceu esta sensação do Festival de Locarno.

ENTREVISTA | KARIM AÏNOUZ

CINEASTA

‘Fui aprendendo a dirigir ator com atores’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Graças ao Festival do Rio enfim chegou a hora de o Brasil entender, in loco, o tanto de polêmica que o cearense Karim Aïnouz gerou na Berlinale, em fevereiro, ao disputar o Urso de Ouro com “Rosebush Pruning”, uma espécie de “Dallas” cheio de tesão. Sua primeira sessão no país rola neste sábado, às 19h45, no Odeon, com repeteco na terça (dia 6), às 14h15, no Cinesystem Belas Artes Botafogo 6, e na quarta (7), às 16h40, no Reserva Cultural Niterói 1.

Incesto, traição e ataques de lobos desenham essa releitura que o diretor de “Motel Destino” (2024) fez (com elenco internacional classe AA) do cult italiano “De Punhos Cerrados” (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia da francesa Hélène Louvart é seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego assombra.

“Rosebush Pruning” estreia comercialmente no Brasil no dia 15 de outubro, com distribuição da MUBI e da Filmes do Estação. O roteiro é de Efthimis Filippou (de “A Lagosta”). A trama é narrada por Edward Taylor (Callum Turner), um jovem rico que vive despreocupadamente com sua família em uma mansão, em meio a inúmeros privilégios, na ensolarada região da Catalunha. Seu pai (Letts) e seus irmãos Jack (Jamie Bell), Robert (Lukas Gage) e Anna (Riley Keough) buscam amor e validação uns nos outros, em suas roupas de grife e na música pop após a morte misteriosa da mãe (papel de Pamela Anderson). Quando Jack apresenta sua noiva Martha (Elle Fanning) a seus parentes, tensões reprimidas vêm à tona. Karim fala delas aqui.



“Rosebush Pruning” re-trata uma família profundamente fraturada, mas você evita apresentá-la visualmente como algo repulsivo. Ao contrário, há beleza, moda, sensualidade e desejo. Por que revestir essa violência de tanto verniz?

Karim Aïnouz - Eu nem acho que eles sejam uma família disfuncional, porque “família”, por definição, já é uma construção cheia de disfunções. Você é obrigado a conviver com pessoas com quem não necessariamente tem afinidade simplesmente porque existem laços de sangue. Acho que o adjetivo que o filme aplica à ideia de família é “fraturada”. E como você conta essa fratura? Para mim, era importante contar a fratura com verniz, e não literalmente em pedaços. Não acho que o feio precise ser narrado de uma maneira esteticamente feia. Para dar acesso ao feio, preciso mostrá-lo de outra maneira. É uma lição que venho aprendendo desde “A Vida Invisível” (produção de 2019, coroada com o Prix Un Certain Regard de Cannes), que também tinha uma história

muito dura. Aqui existe ainda uma sensualidade que passa pela relação entre as pessoas, pelo desejo. Às vezes, esse desejo passa pelo perverso; outras vezes, pelo carinho. Nunca quis olhar para essas pessoas como personagens abjetos. Eu adoro esses personagens. O desejo intra-familiar é sufocante, mas o desejo extrafamiliar é transformador.

O roteiro de Efthimis Filippou remete à tragédia grega, mas você parece deslocar a origem da monstruosidade dos personagens para o sistema que os produziu. Com construir um filme sobre poder e privilégio diante de todas as patrulhas que hoje assolam a arte?

Este é um filme do mundo do acúmulo, do capitalismo tardio, da naturalização da concentração de renda e do isolamento que surge como consequência disso. É um acúmulo de poder que vai deformando e transformando as coisas. Tracy falou isso de maneira muito eloquente quando o filme foi apresentado em Berlim: o acúmulo de poder e o abuso do corpo



Jens Koch/Berlinale

“Depois deste filme, quero muito fazer um filme em língua portuguesa. O que esse projeto permite é levar o nosso jeito de fazer cinema para outros lugares”

do outro são traços do fascismo. Eu olho para multimilionários e, às vezes, parece que não estou vendo um ser humano. Mas nunca consegui julgar o personagem do pai do “Rosebush Pruning”. Seria

muito fácil fazer um julgamento de valor e dizer simplesmente que ele representa um patriarcado venenoso. Ninguém nasce assim. A gente se torna isso. Existe um sistema no qual isso é naturalizado. Há

até uma brincadeira no filme com as unhas dos personagens: todos têm uma unha dourada. É um privilégio que parece vir quase pelo sangue. Isso me lembrava Henrique VIII, alguém que acredita ter sido colocado naquele lugar por Deus. O pai foi colocado dentro daquela estrutura, e aquela estrutura o transformou. Isso era muito importante para mim. E existe também o absurdo, algo com que me diverti muito neste filme. Às vezes ele é desconfortável, às vezes engraçado. Não acho que esses personagens sejam monstros.

Tracy Letts é um dos grandes nomes do teatro americano. “A Vida Invisível” também tinha uma forte presença de atores vindos do palco. O que o teatro oferece ao seu cinema?

Sempre me interessei muito pela maneira como se manufatura o teatro. O cinema tem um perigo de se tornar protocolar: o ator chega, passa por maquiagem e figurino, vai para o set, a câmera está ali. Adoro cinema, é o que faço da vida, mas o teatro me intriga desde o meu primeiro filme. Quando fiz “Madame Satã”, eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo, com muita honestidade. Fui aprendendo a dirigir ator com atores. Tenho a sensação de que o ator de teatro tem muito a ganhar quando se arrisca. Ele possui uma espécie de apetite por estar presente, porque o teatro exige presença. E existe uma artificialidade que me interessa. Você acredita naquilo, mas sempre existe algo um pouco a mais, e isso cria certa magia. Talvez meus filmes mais naturalistas tenham sido “O Abismo Prateado” e “O Céu de Suely”. Depois, fui me interessando cada vez mais por esse outro lugar. É quase como tomar um ácido e ir ao cinema. A interpretação teatral permite uma espécie de transe.

Depois de “O Jogo da Rainha” (“Firebrand”), “Rosebush Pruning” amplia sua inserção num sistema internacional, agora com Callum Turner, Riley Keough, Elle Fanning, Jamie Bell e Tracy Letts. O filme muda a percepção que você tem do seu lugar no cinema mundial?

Não tenho muito essa noção. Claro que não sou louco, percebo o que está acontecendo, mas gosto de fazer filmes, de montar histórias. Tenho coisas que quero dividir com o mundo. Depois deste filme, quero muito fazer um filme em língua portuguesa. O que esse projeto permite é levar o nosso jeito de fazer cinema para outros lugares.



O realizador iraniano, vencedor de dois Oscars, Asghar Farhadi e a diva francesa Isabelle Huppert no set de filmagens

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Duas vezes laureado com o Oscar de Melhor Filme Internacional, o iraniano Asghar Farhadi chega ao Rio de Janeiro nesta sexta-feira para acompanhar a sessão de gala de “Contos Paralelos” (“Histoires Parallèles”), às 19h, no Cine Odeon, dentro da programação do Festival do Rio. Distribuído no Brasil pela Imovision, o longa concorreu à Palma de Ouro no Festival de Cannes deste ano e marca o reencontro do realizador dos oscarizados “A Separação” (2011) e “O Apartamento” (2016) com as ruas

Farhadi à luz de **Kieslowski**

Ganhador de Oscars, cineasta iraniano é o convidado internacional mais esperado da arrancada do Festival, onde lança drama inspirado no realizador da Trilogia das Cores

de Paris, 13 anos depois de “O Passado”, drama com o qual encantou mestres como Steven Spielberg e Brian De Palma, ambos fãs de sua forma de narrar de tintas existencia-
tor polonês Krzysztof Kieslowski (1941-1996), famoso nos anos 1990 pela “Trilogia das Cores”, Farhadi constrói agora uma tra-

ma coral sobre diferentes formas de olhar — e de invadir — a vida alheia. Isabelle Huppert vive Sylvie, escritora em crise criativa que passa a observar secretamente os moradores do prédio em frente ao seu apartamento em busca de matéria-prima para um novo romance. A contratação de um jovem assistente, Adam (Adam Bessa), dissolve pouco a pouco as fronteiras entre imaginação e realidade, abrindo caminho para uma espiral de desejo, paranoia e destruição emocional.

“Quanto mais envelhecemos, mais entendemos aquilo que procuramos”, disse Farhadi ao Correio da Manhã em Cannes, onde destacou a influência de Kieslowski sobre seu cinema. “Ele ainda pertence ao meu panteão pela compaixão que sente pelas suas personagens. A fatalidade faz parte do universo dele”.

Fotografado por Guillaume Deffontaines, colaborador habitual de Bruno Dumont, “Contos Paralelos” vendeu cerca de 300 mil ingressos em cerca de dois meses. Além de Huppert, seu time de estrelas reúne ainda Vincent Cassel, Catherine Deneuve, Virginie Efira, Pierre Niney e India Hair. A produção amplia a investigação de Farhadi sobre dilemas morais ao discutir também o voyeurismo e a ética de transformar a intimidade dos outros em matéria artística.

A passagem do cineasta pelo Rio não se encerra na gala do Odeon. Neste sábado, às 11h, Farhadi participa de uma aula aberta no Armazém da Utopia, com entrada gratuita e distribuição de ingressos uma hora antes. Às 18h30, ele segue para Niterói, onde acompanha nova sessão de “Contos Paralelos”, no Reserva Cultural. O filme volta a ser exibido domingo, às 21h45, no Kinoplex São Luiz 2, e terça-feira, às 16h, no Estação Claro Gávea 3.

AS BOAS DO FESTIVAL - 2 A 4/10

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

SEXTA, 2
PRIMA FACIE, de Susanna White: Cynthia Erivo encarna Tessa, uma advogada de defesa ambiciosa, nesta versão para as telas da peça homônima de Suzie Miller que Débora Falabella transformou num hit teatral entre nós. Tessa representa habilmente seus clientes, incluindo aqueles acusados de agressão sexual. No entanto, ela descobre que a lei não faz justiça depois de ser violada por um colega de trabalho. Onde: Kinoplex São Luiz, 16h30



Divulgação

SÁBADO, 3
ALDIR BLANC – RESPOSTA AO TEMPO, de Marcus Fernando e Hugo Sukman: Feito ou-
rives, o compositor aqui retratado burilou a gramática em suas letras e criou um universo próprio, traduzindo como ninguém em canções, poemas e crônicas a vida cotidiana carioca e brasileira. Mais do que um biopic de Blanc, este .doc é um mergulho em seu universo e sua geografia. Onde: Centro Cultural FGV, 18h30



Row Pictures

DOMINGO, 4
ROSE, de Markus Schleizer (Áustria): Sandra Hüller ganhou o Urso de Prata de Melhor Interpretação Protagonista na Berlinale ao reviver um caso sobre uma mulher, do início do século XVII, que se disfarçou de homem, assumindo a identidade de um soldado morto, fazendo das terras dele o seu lar. Tudo vai bem até que o tal personagem forjado por ela é forçado a se casar e... ser pai. Onde: Reserva Cultural Niterói 1, 21h15

Francine Fisher/Divulgação



Toquinho revista 60 anos de sucessos com novos arranjos

Pacto fechado com a felicidade

Toquinho encerra a turnê 'Só Tenho Tempo Pra Ser Feliz' com shows no Vivo Rio e na Vibra São Paulo e gravação de audiovisual

AFFONSO NUNES

Com sua voz mansa e um violão cheio de personalidade, Toquinho chega ao Vivo Rio nesta sexta-feira (2), às 21h, para a reta final da turnê "Só Tenho Tempo Pra Ser Feliz" — um compilado de 60 anos de carreira e muitos sucessos. A próxima data da turnê será no dia 31, no Vibra São Paulo, com o show registrado para um projeto audiovisual do artista. "Me considero um artesão, e o artesão precisa exercitar a mão e a cabeça diariamente para não cair na rotina. A rotina é a morte do artista. Trazer a banda inteira e renovar vestimentas sonoras para canções que venho tocando há 40 ou 50 anos é o que me mantém ace-

so", avisa o cantor e compositor.

O espetáculo revisita diferentes momentos da trajetória do compositor, arranjador e violonista que costurou parte da memória afetiva do país. "É um espetáculo de muito afeto e de grande cumplicidade. Sempre digo que o palco é a extensão da minha casa, então vou receber o público como quem recebe amigos na sala. Misturo o acolhimento do meu violão, que é o ponto de partida e o desenvolvimento de tudo que faço, com a força e a cor de uma banda completa. Vamos passear por mais de seis décadas de estrada com muita leveza, alegria e aquela simplicidade que a própria música exige", avisa o artista.

O repertório percorre a diversidade de sua obra: o lirismo das composições próprias, os afro-sambas, o romantismo de "Regra Três" e o

“Me considero um artesão, e o artesão precisa exercitar a mão e a cabeça diariamente para não cair na rotina. A rotina é a morte do artista”

TOQUINHO

universo poético de "Aquarela", ao lado de clássicos como "Tarde em Itapoã" e "O Caderno" e de homenagens a dois mestres com quem dividiu violão e vida, Tom Jobim e Vinicius de Moraes.

"O Rio sempre teve uma energia mágica e decisiva na minha trajetória. Foi aí que vivenciei momentos inesquecíveis ao lado de grandes mestres e onde fiz temporadas mar-

cantes. Minha expectativa é de uma noite de celebração total, com a plateia cantando junto do começo ao fim", prevê Toquinho.

No palco, com banda completa, Toquinho apresenta novos arranjos, conectando passado e presente de uma obra em andamento. A cenografia traz painéis de LED que projetam arquivos raros, imagens de diferentes períodos da carreira do

músico e elementos cinematográficos. "Preparamos uma estética visual cuidadosa, iluminação especial e uma dinâmica de palco muito redonda para valorizar essa atmosfera única. Mas a grande magia é sempre a verdade do momento presente", defende Toquinho, ao falar da estrutura em cena.

A cantora Camilla Faustino participa de todo o espetáculo, dividindo o palco com Toquinho em duetos pensados para a turnê, reforçando o valor que Toquinho dá a artistas das novas gerações. "A Camilla trouxe uma energia nova para o palco. Além de ser uma cantora muito talentosa, possui uma relação muito respeitosa com meu repertório", elogia o músico.

Até dezembro, quando está previsto o encerramento da turnê, Toquinho segue por cidades e capitais do país, com nova passagem pelo Nordeste, somando mais de 30 apresentações ao longo da turnê comemorativa. "Se um dia o violão virar uma obrigação fria ou se eu subir ao palco sem sentir aquele arrepio no peito, é hora de pendurar o instrumento. O palco continua sendo meu lugar favorito no mundo", comenta Toquinho.

SERVIÇO

TOQUINHO — SÓ TENHO TEMPO PRA SER FELIZ

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 2/10, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 180 e R\$ 90 (: de R\$ 90 (meia)

O baile dos 80 de João Bosco

Turnê de lançamento do álbum ‘Amigos Novos e Antigos’ tem início nesta sexta no Qualistage com as participações de Tiago Iorc e Hamilton de Holanda

AFFONSO NUNES

João Bosco dá nesta sexta-feira (2), no Qualistage, início à turnê de lançamento de “Amigos Novos e Antigos” (Som Livre), primeiro álbum de duetos de uma carreira que fez 54 anos — e cujo dono completou 80 em julho. Celebrado no Rock in Rio em setembro, ele apresenta em “João Bosco 80 Anos” um repertório que percorre cinco décadas de um cancionero essencialmente brasileiro e sofisticado da primeira à sexta corda

de seu fantástico violão. O bandolinista Hamilton de Holanda e o cantor e compositor Tiago Iorc são os convidados do artista.

O disco, adiantado em EP de seis faixas em julho, saiu completo na última sexta (25) e abre e fecha com a mesma canção — “Odilê Odilá”, em dueto com Martinho da Vila, em duas versões de arranjos diferentes. No intervalo entre elas desfilam Chico Buarque, Caetano Veloso, Zeca Pagodinho, Ivete Sangalo, Mart’ália, Jota Pê, Bruna Black e Vanessa Moreno, velhos companheiros ao lado de uma gera-



Com participação do disco de duetos, Tiago Iorc é um dos convidados de João no show

ção de artistas que cresceu ouvindo suas músicas. “Chegar aos 80 cercado de pessoas que fizeram parte da minha história e de artistas que continuam levando essa música pra frente é um presente”, resume Bos-

co. “Este disco nasceu da vontade de agradecer. Cada canção é uma conversa, um abraço, um reencontro.”

São 17 canções redeenhadas em arranjos preciosos com produção musical dividida entre o artista e o trombonista Rafael Rocha, autor dos arranjos de cordas e metais que dão novo fôlego às releituras.

Chico Buarque está em “Incompatibilidade de Gênios” sobre o piano do cubano Gonzalo Rubalcaba; Caetano interpreta “Sinhá”, parceria de Bosco com o próprio Chico; Mart’ália dá novo brilho a “Kid Cavaquinho”; Tiago Iorc renova “Perfeição”, escrita com o filho Francisco; César Camargo Mariano pinta os teclados de “Casa de Marimbondo”; e Hamilton de Holanda dedilha o bandolim em “Nação”.

No palco, Bosco estará com Ricardo Silveira (guitarra), Guto Wirtti (baixo), Kiko Freitas (bateria) e Marçal (percussão). O show tem duração certa — 80 minutos, um por ano de vida — e atravessa as parcerias com Aldir Blanc, de “O Bêbado e a Equilibrista” e “O Mestre-Sala dos Mares” a “Bala com Bala”, “De Frente pro Crime” e “Rancho da Goiabada”. Do Rio, a turnê segue para São Paulo (9), Porto Alegre (15) e Curitiba (16).

Cinquenta e quatro anos atrás, uma canção chamada “Agnus Sei” fez Elis Regina descobrir um violão de Ponte Nova — e lançá-lo ao país. Dos veteranos da cena aos herdeiros do streaming, a obra segue em circulação, agora emoldurada pelos amigos. Como é sábio o autor que sabe trazer viço à sua obra.

SERVIÇO
JOÃO BOSCO 80 ANOS — AMIGOS NOVOS E ANTIGOS
Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca)
2/10, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 90

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Marina Sena canta para um Vivo Rio lotado

Marina Sena apresenta o show “Coisas Naturais” neste sábado (3), no Vivo Rio. A turnê remete ao álbum homônimo e tem direção de Vito Soares, Marcelo Jarosz e Fernanda Fiuza, com câmeras em cena e banda dirigida por Janluska, com destaque para percussão e sopros. No repertório, todas as faixas do disco, conduzidas por uma narrativa que tem um único dançarino como guia. Ingressos esgotados.



Divulgação - Festival Sesc de Inverno

Mariene de Castro e a voz do Sertão

Mariene de Castro apresenta “Cantadeira”, seu novo show, neste sábado (3), no Circo Voador. O projeto, com participação de Almério, faz da casa de taipa personagem e celebra o forró de raiz e a cultura popular nordestina, do fogão à lenha à fogueira de São João. No palco, a cantora é acompanhada por Fábio Cunha, Rafael Gama de Santana e Luan Badaró (percussão), Gel Barbosa (acordeon), Gustavo Caribé (baixo) e Marcos Bezerra (violão).



Divulgação

Samba Que Elas Querem celebra a Madrinha

O Samba Que Elas Querem canta Beth Carvalho nesta sexta (2), no Teatro Rival Petrobras, no ano em que a madrinha do samba completaria 80 anos. O coletivo revisita quatro décadas de discografia, de 1970 a 2011, em clássicos como “Andança”, “Vou Festejar” e “As Rosas Não Falam”. Ligado à Mangueira e ao Fundo de Quintal, o grupo esteve na casa da cantora em 2018 para gravar “Vou Festejar” em defesa da democracia.



Divulgação

Black Bird canta o icônico ‘Revolver’

O grupo Black Bird apresenta neste sábado (3), às 17h, no Centro da Música Carioca Artur da Távola, um show dedicado aos 60 anos do álbum “Revolver”, dos Beatles. No repertório, clássicos como “Eleanor Rigby”, “Taxman” e “Yellow” Submarine, além de outros sucessos do quarteto de Liverpool. Lançado em 1966, “Revolver” marca o início da revolução sonora promovida pelo grupo britânico.



Divulgação

Divulgação



Periféricos
como
Plínio, os
artistas d'Os
Ciclomáticos
desvendam
a vida
dramaturgo

'Gosto Amargo na Pele', livre adaptação da vida e obra do dramaturgo assinada por Ribamar Ribeiro, encerra a Trilogia dos Indesejáveis d'Os Ciclomáticos

Plínio Marcos em cena

Divulgação



Ator, diretor e dramaturgo, Plínio Marcos levou os excluídos e marginalizados para o centro da dramaturgia brasileira através de uma obra muitas vezes perseguida pela ditadura militar

O Teatro Firjan Sesi Centrp recebe até domingo (4) "Gosto Amargo na Pele", livre adaptação da vida e obra de Plínio Marcos, com dramaturgia e direção de Ribamar Ribeiro. O espetáculo é uma produção d'Os Ciclomáticos Companhia de Teatro e começou a ocupar a temporada em 24 de setembro.

A peça encerra a Trilogia dos Indesejáveis, conjunto de trabalhos iniciado a partir dos universos de Nelson Rodrigues e Jean Genet e que reafirma o compromisso do grupo, formado em Bonsucesso, com um teatro popular, periférico e político.

Em cena, o mundo do "dramaturgo maldito" paulista ganha forma em um cabaré-circo-teatro-prostíbulo, onde fé, violência, humor e brasilidade se entrelaçam. "Entre fé e profanação, violência e humor, desejo e sobrevivência, personagens e memórias atravessam a cena revelando um Brasil marcado pela desigualdade, exclusão e resistência",

“Entre fé e profanação, violência e humor, desejo e sobrevivência, personagens e memórias atravessam a cena revelando um Brasil marcado pela desigualdade, exclusão e resistência”

RIBAMAR RIBEIRO

descreve Ribamar Ribeiro.

Nascido em Santos, Plínio Marcos (1935-1999) conheceu de perto os mundos que levaria ao palco. Foi o palhaço Frajola em circos da cidade, fez trabalhos esporádicos como

palhaço no rádio e na televisão e, depois de se mudar para São Paulo, sustentou-se também como camê-lô; em suas lembranças, conta que frequentava o Bar Redondo, ponto de encontro da gente de teatro.

A proximidade com as ruas e a boemia não foi apenas cenário de sua vida: ajudou a alimentar sua escrita das vozes deixadas à margem. Durante a ditadura, a perseguição ultrapassou a censura aos textos:

foi preso em 1968 pelo II Exército e novamente em 1969, em Santos, ao resistir à interdição de uma apresentação de "Dois Perdidos Numa Noite Suja".

A violência dentro de uma cela inspirou "Barrela", sua primeira peça. Em obras como "Dois Perdidos Numa Noite Suja", "Navalha na Carne", "O Abajur Lilás" e "Quando as Máquinas Param", sua linguagem direta e suas personagens socialmente excluídas confrontaram tanto a desigualdade quanto a censura; as duas primeiras chegaram a ser interditadas em todo o país. É nessa atenção a quem raramente ocupava o centro da cena que reside sua força para o teatro político e brasileiro.

Originários de Bonsucesso, Os Ciclomáticos acumulam mais de 300 prêmios, apresentações em 250 cidades brasileiras e passagens por países como Alemanha, China, França, Espanha, Peru e Portugal. O "Gosto Amargo na Pele" é o mais recente capítulo de uma trajetória de três décadas de atividade ininterrupta.

Ator, diretor, dramaturgo e professor, Ribamar é fundador d'Os Ciclomáticos e responsável pela dramaturgia do grupo. Doutor em Artes pela UERJ, escreveu e dirigiu mais de 70 espetáculos e representou o Brasil em diversos países. "Manter uma companhia ativa por três décadas no Brasil é um ato de resistência, e a circulação internacional legitima a força da arte produzida na periferia carioca", afirma.

SERVIÇO

GOSTO AMARGO NA PELE

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1, Centro)
Até 4/10, sexta (19h), sábado e domingo (17h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA TEATRO | BOA NOITE, MÃE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A incapacidade humana de detectar a angústia e sofrimento no outro, mesmo que sejam íntimos, é o que o texto dramático “Boa Noite, Mãe” nos aterra. A escritora estadunidense Marsha Norman faturou o Prêmio Pulitzer de Teatro em 1983 pela obra, que virou filme em 1986, dirigido por Tom Moore e estrelado por Anne Bancroft e Sissy Spacek.

Numa única noite de sábado, no interior dos Estados Unidos, mãe e filha estabelecem um confronto aterrador: a descendente anuncia ceifar a própria vida. Daí em diante somos envolvidos numa trama sobre suicídio, dores, afetos extraviados, ressentimentos. Um diálogo aprofundado faz com que as duas revisitem o passado.

Jessie é acometida por uma epilepsia grave, teve seu casamento fracassado, um filho transgressor, uma vida claustrofóbica, que a conduziu para desconstruir o sentido das coisas. Num mergulho temerário, as personagens criam embates, nos quais o peso de outrora desvela a vulnerabilidade das relações em busca de conexões autênticas, fabulando um mecanismo catártico desconfortável.

A tradução de José Pedro Peter é fluida e Leonardo Netto opta por uma montagem enxuta, permitindo que a excelente narrativa reverbere o impacto necessário. O diretor estrutura seu



Em ‘Boa Noite, Mãe’, a direção estrutura seu realismo psicológico articulando silêncios e conflitos tormentosos, como se uma panela de pressão estivesse pronta a estourar

Existência esfacelada

realismo psicológico articulando silêncios e conflitos tormentosos, como se uma panela de pressão estivesse pronta a estourar, numa

ausência de trilha, que fortalece o esfacelamento entre mãe e filha. Institui, com propriedade, efeitos cotidianos para encobrir a tensão

imersa daqueles vocábulos potentes e dolorosos.

Há um legato vocal impulsiona a interpretação de Ana

Beatriz Nogueira, cuidando para que suas transições emocionais fluam organicamente, sem esforço. Rompantes de falas são organizadas harmonicamente, com perfeito controle de respiração. Além de presença marcante, a excelente atriz embute humor no status trágico de sua Thelma, sedimentando seu talento. Andréia Horta desenha a tribulação da personagem com força dramática na medida certa, sem fragilizá-la, além de não se desviar para o sentimentalismo barato. A atriz confere personalidade à sua Jessie, mesmo repleta de decisões funestas. Suspensões inebriantes são implementadas pelas intérpretes, potencializando a montagem.

A caixa cênica é preenchida por estrutura que revela copa cozinha, onde transcorre a ação, com mesa, armário e sótão, dialogando com figurinos apropriados, em coloração terrosa, numa dúplice concepção do talento de Ronald Teixeira e Flavio Graff. A delicada luz de Ana Luzia Molinari de Simoni escolta o fluxo de emoção das personagens.

Vale ressaltar que este dimensionamento dramático denuncia reflexos especulares de uma infinidade de indivíduos que sofrem de epilepsia e, estatisticamente, é comprovada a expansão de sua prevalência nas últimas décadas. “Boa Noite, Mãe” é contundente, eficaz e humano, no sentido de que a invisibilidade da dor pode resultar em consequências irreversíveis.

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Renato Mangolin/Divulgação



Gonzaguinha em musical

A premiada A Barca dos Corações Partidos segue em temporada com ‘Gonzaguinha É’, em cartaz no Teatro Sesc Ginástico, homenageando um dos mais significativos cantores e compositores da MPB. O musical tem direção artística de Inez Viana, texto de Bráulio Tavares e Ana Carbatti e direção musical de Alfredo Del-Penho e Beto Lemos. No palco, Ádren Alves, Alfredo Del-Penho, Beto Lemos e Ricca Barros, com as convidadas Ana MaGa, Luiza Loroza, Nívea Magno e Thati Dias. Em cartaz até o dia 25.

Vantoen Pereira/Divulgação



31 anos de Brasil

Comédia de costumes que atravessa 31 anos do Brasil, “Café, Almoço, Jantar” está até 25 de outubro na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. Escrito por Ivan Fernandes e dirigido pelo autor com Máira Kestenberg, o espetáculo mostra a pensão de Dona Filó, por onde os personagens passam por 1987, 1994 e 2018, observando como as mudanças políticas, econômicas e sociais alcançam os afetos e as decisões de gente comum. “A encenação é totalmente centrada no trabalho dos atores e sua relação com as palavras do texto”, diz o autor e diretor.

Nil Caniné/Divulgação



Olha o Neguinho aí, gente!

Sucesso de público, o musical “O Neguinho da Beija-Flor” segue em cartaz no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, até o dia 1º de novembro. Com texto do jornalista Aydano André Motta e direção de Luiz Antonio Pilar, o espetáculo narra a trajetória do cantor desde a infância na pobreza de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, até o reconhecimento internacional, e tem em seu elenco elenco os atores-cantores Bruno Quixotte, Leandro Melo, Lu Vieira e Thalita Floriano, entre outros.

CRÍTICA LIVROS |

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Seis décadas de leituras

Esta semana completo minha 66ª volta em torno do Sol e 25 anos de orfandade. Minha mãe morreu três dias antes de meu aniversário, encerrando o mais intenso relacionamento que tive na vida. Foi ela quem fez de mim uma leitora.

Filha única, mantive extrema proximidade de meus pais — a única vantagem de crescer sem irmãos. Em casa, não havia televisão, o que certamente me estimulou a ler de tudo compulsivamente, um mundo de revelações para a garota solitária. Começou com os quadrinhos publicados no jornal O Globo, tendo em Ferdinando, Brucutu, Flash Gordon, Príncipe Valente e Dr. Rex Morgan meus protagonistas favoritos. Realização de meus 6 anos de idade foi, finalmente alfabetizada, abrir o jornal no chão e me deitar em cima da imensa página para ler por conta própria, independente, uma leitora madura.

Minha mãe era do tempo em que crianças mostravam suas prendas aos adultos, recitavam poesia — e me apresentou a Casimiro de Abreu e aos poetas que morriam

tão meninos de tuberculose. E no “Mundo da Criança”, a primeira coleção “minha”, encadernada em couro vermelho (sempre aparecem e em biblioteca de telenovela, os livros têm pinta de material jurídico...), os poemas salpicavam páginas coloridas, que me pareciam ruidosas ao contarem que “o mar bramia” em frente a uma mãe e seu filho na praia, nos versos altamente visuais de Castro Alves.

No processo de formação como leitora, aprendi a deixar de lado qualquer livro entediante, sem qualquer remorso. Menina, tinha o hábito de ler as últimas páginas antes do começo para saber se a trama ia “acabar bem”. Pular capítulos era prática. Importante era embarcar na história. Ou adquirir conhecimento. Aos 7 anos, ganhei um livro de educação sexual francês que aborda a temática através da visita de duas crianças ao Museu do Homem, em Paris. Descobri a alma humana ao me interessar, então, por mitologia grega, lendo “Os Doze trabalhos de Hércules”, de Monteiro Lobato, que me levou a Peter Pan e Don Quixote também.

Depois de Lobato, houve outros marcantes encontros literários na infância: as memórias de Laura



Olga no colo de sua mãe, que lhe incentivou o hábito da leitura

Ingalls Wilder, a filha de pioneiros norte-americanos, a coleção Jovens do Mundo Todo, publicada aqui pela Brasiliense, com autores de

tudo quanto era canto do planeta e pouco conhecidos por aqui, Jules Verne, Charles Dickens, “Mulherzinhas”, “A Moreninha”, “Os Me-

inhos da Rua Paulo”, “Pollyanna” e Shakespeare, na versão de Charles e Mary Lamb.

O fim da infância literária veio cedo, aos onze anos, quando meus pais, cansados de me ver ler o Barão de Prosa, me deram todas as peças de Shakespeare — e eu encarei o texto traduzido. Devorei simultaneamente o que se transformou em absoluto vício: a literatura policial em volumes cheios de fungos da Coleção Amarela. Ali, me tornei adulta.

Eram livros lidos e relidos tantas vezes que ficaram gravados como momentos vividos. “Coração”, um clássico italiano entupido de relatos comoventes, me levava às lágrimas. De vez em quando, apareciam mitos africanos, indianos, mil e uma noites árabes, tudo embrulhado pelo olhar romântico daqueles dois, nascidos nos anos 1920, que viveram num mundo de terras distantes, exóticas, misteriosas.

Ao fincar os pés na velhice, esta leitora chega pertinho daquela era de encantamento, quando informação e diversão precisavam ser imaginadas mais do que vistas em telas. O anseio por descobertas só se fortalece, estruturada pelas lembranças daquela época de percepção de um além da beira do mar, a fronteira do carioca com o universo. Que o inverno da existência traga novas boas narrativas.

Domingo, 4 de outubro, meu aniversário, tem eleição.

Meu voto é por um governo que preze mais livros, menos armas.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

O FUTEBOL DESROMANTIZADO

Desconstruir a visão romantizada do futebol é um dos pontos fortes de “Off Pitch: Entre Pessoas e Sonhos” (Fhogo Editora, R\$ 80), de Iago Barros, cuja incipiente carreira de jogador foi encerrada precocemente devido à uma lesão no joelho. Criado na Europa, onde seu pai, Milton, que chegou a integrar a Seleção Brasileira na Olimpíada de Seul, trabalhava, Iago se descobriu como agente esportivo, na área de descoberta de talentos (scouting), gestão de carreira e transferências. Além de contar sua experiência pessoal, mesclando recordações da vida em família e o início da carreira, ele destaca, no livro, o papel do agente no desenvolvimento técnico, comportamental e na orientação financeira dos jogadores.



Divulgação

O ENCONTRO QUE NÃO EXISTIU

O encontro — imaginário — da compositora Chiquinha Gonzaga com o samba é a base do romance histórico “O último maxixe” (Patuá, R\$ 60), de Igor Miguel Pereira. Embora estivesse viva quando a Mangueira ganhou seu primeiro Carnaval e as músicas de Noel Rosa começaram a ganhar a tocar nas rádios, Chiquinha, que desafiou a sociedade ao abraçar a música popular, transitou por diversos gêneros, exceto o samba, que vem a conhecer, no livro, ao ser chamada a compor a trilha sonora do primeiro filme musical feito no Brasil. Além de exaltar as diferenças do novo ritmo, o romance mescla personagens reais em cenários cariocas dos anos 1930.



Divulgação

ENQUADRAMENTOS CULTURAIS

A escritora sino-americana R.F. Kuang não se acanha em usar sua experiência em romances que abordam as dificuldades das carreiras acadêmica e literária. Depois de criticar o processo editorial no movimentadíssimo mercado de best-sellers dos Estados Unidos, em “História de Taipei” (Intrínseca, R\$ 79,90), ela mostra as dificuldades de uma estudante que busca aprimorar seu conhecimento de chinês em um curso de imersão em Taipei. As dificuldades em se comunicar num idioma quase incompreensível para os ocidentais também estão relacionadas à tentativa de se enquadrar culturalmente em dois universos que pouco têm em comum.



Divulgação

SEXTOU! SAMPA

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Chitãozinho & Xororó

✳Chitãozinho & Xororó apresentam o show “Meninos de Roça” neste sábado, 3 de outubro, às 22h, no Suhai Music Hall, em São Paulo. Inspirada no projeto audiovisual de mesmo nome, a apresentação reúne também canções do novo trabalho e clássicos da trajetória da dupla sertaneja. O repertório remete às lembranças da infância, à família e às origens dos artistas. Mayck e Lyan e Sami Rico, que participaram da gravação, são os convidados da noite. O projeto foi registrado inicialmente em uma apresentação intimista para convidados e agora chega ao palco diante do público. O show terá sessão única, com abertura da casa às 20h. O Suhai Music Hall fica no Shopping SP Market, na Avenida das Nações Unidas, 22.540. Os ingressos estão à venda no site da Ticketmaster, que reúne as informações para a compra.

Guilherme e Benuto e George Henrique e Rodrigo

✳Guilherme e Benuto e George Henrique e Rodrigo dividem o palco do Villa Country nesta sexta-feira, 2 de outubro, em São Paulo. O encontro reúne músicas das duas duplas sertanejas em uma apresentação conjunta. A casa abre às 20h e o início do show está previsto para as 23h30. O Villa Country fica na Avenida Francisco Matarazzo, 774, Água Branca. Os ingressos são vendidos pela Ticket360 e pela bilheteria, com valores conforme setor e lote. A classificação etária é de 18 anos. A noite integra a programação de outubro.

TEATRO

Meninas Malvadas – O Musical em São Paulo

✳O dia 3 de outubro vai ganhar uma celebração especial em São Paulo em 2026. Parte do elenco da montagem brasileira de “Meninas Malvadas – O Musical”, que esteve em cartaz na capital paulista em 2025, volta a se encontrar no palco para “3 de Outubro – O Show”, apresentação única e inédita marcada para sábado, 3 de outubro, no Carioca Club, em Pinheiros, São Paulo. Laura Castro, Anna Akisue, Aline Serra, Gigi Debei, Lara Suleiman, Giovanna Moreira e Rafa Diverse estão entre os artistas já confirmados, além de outras surpresas que serão reveladas. Com banda ao vivo, novos



Pedro Veras

Premiado musical “A Igreja do Diabo” retorna aos palcos de SP



“Marrom, o Musical”, de Miguel Falabella, na Vila Olímpia



Teca Lamboglia/Wikimedia Commons

Chitãozinho & Xororó em noite única no Suhai Music Hall

arranjos e performances inéditas, o show revisita em português as canções que conquistaram o público durante a temporada brasileira. Os ingressos estão à venda pela plataforma Clube do Ingresso.

A Igreja do Diabo – Um Musical Imoral e Hilário

✳“A Igreja do Diabo – Um Musical Imoral e Hilário” retorna em outubro ao Teatro Estúdio, em São Paulo. Inspirado no conto de Machado de Assis, o espetáculo tem texto, direção e músicas de Guilherme Gila. Na trama, a Diaba funda uma religião que incentiva maldades e condena boas ações, mas encontra as contradições da natureza humana. A comédia combina música pop brasileira, humor e coreografias de linguagem queer. Edyelle Brandão

interpreta a protagonista. A montagem ganhou o prêmio de Melhor Musical Off no Bibi Ferreira. A direção musical tem a assinatura de Samir Alves. As sessões são às segundas e terças-feiras, às 20h, na Rua Conselheiro Nébias, 891, Campos Elíseos. Os ingressos custam R\$ 120 e R\$ 60, com meia-entrada para estudantes, professores e aposentados, e estão à venda na Sympla.

Marrom, o Musical

✳A trajetória de Alcione ganha os palcos em “Marrom, o Musical”, com texto e direção de Miguel Falabella e idealização de Jô Santana. A montagem acompanha a vida da cantora, das raízes no Maranhão à carreira no samba, e incorpora manifestações da cultura popular maranhense, como o bumba

meu boi. A história é conduzida pela figura do cazumbá, que guia o público pelas lembranças e passagens da artista. A temporada em São Paulo vai de 11 de setembro a 25 de outubro de 2026, no Teatro Claro+, na Rua Olimpíadas, 360, Vila Olímpia. As sessões ocorrem às quintas-feiras, às 20h; às sextas, às 16h e às 20h; aos sábados, às 18h e às 21h; e aos domingos, às 18h. O espetáculo revisita diferentes fases da intérprete, reunindo música e elementos das tradições de seu estado natal. É uma biografia musical.

A Partilha, de Miguel Falabella. Projeto Palcos: SP

✳A peça A Partilha, de Miguel Falabella, será apresentada nesta quinta-feira (1º de outubro), às 20h, no Teatro Cacilda Becker, no bairro da Lapa, zona

oeste da cidade de São Paulo. Com entrada gratuita, a nova montagem reúne Iléa Ferraz, Adriana Lessa, Leticia Soares e Flávia dos Prazeres. As atrizes interpretam quatro irmãs que, após a morte da mãe, se encontram para dividir a herança e acabam retomando conflitos e laços familiares. A sessão da peça A Partilha integra a última semana do projeto Palcos: SP. Nesta quarta (30), às 20h, o teatro recebe Deixa Comigo, sobre uma trabalhadora doméstica que compõe sambas. Ainda como prte do projeto, na sexta (2) e no sábado (3), no mesmo horário, Milla Fernandez apresenta TIP, monólogo sobre sua experiência como modelo de webcam. Os ingressos para as sessões do projeto são retirados na bilheteria uma hora antes de cada sessão, sujeitos à lotação.

SEXTOU! CAMPINAS

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

Duets com João Suplicy e convidados

✳O cantor e compositor João Suplicy, apresenta o espetáculo 'Duets', inspirado em seu álbum lançado pela gravadora Biscoito Fino. O trabalho reúne duetos com grandes nomes da cena musical brasileira, explorando diferentes estilos e idiomas e reafirmando a versatilidade e a força criativa do artista. Seu principal instrumento é o violão, com o qual criou um estilo bem peculiar de tocar, mas também toca guitarra, baixo e piano. Após quase oito anos na banda Brothers of Brazil, que formou com seu irmão Supla, retomou recentemente sua carreira solo e lançou o álbum João, bastante elogiado pela crítica especializada.No Sesi Campinas Amoreiras, nesta sexta-feira (2), às 20h. Entrada gratuita.

Musical para crianças

✳O espetáculo 'O Planeta Oca', voltado ao público infantil e familiar, convida à reflexão sobre o cuidado com a natureza e com as pessoas por meio da arte. Com músicas autorais, brincadeiras e forte interação com o público, o espetáculo aborda temas como biodiversidade, água, cooperação, diversidade e responsabilidade coletiva. Em cena, personagens como Capivara, Tamanduá, Ariranha e Lontra ampliam o diálogo com o universo infantil, estimulando escuta, afeto e participação. A proposta valoriza o protagonismo das crianças e transforma o palco em um espaço de encontro, aprendizagem e imaginação, onde a música se torna ferramenta de sensibilização socioambiental e construção de novos olhares para o presente e o futuro. Participam do grupo Carú Ricardo, Carneiro Sândalo, ✳Ernani Sanchez e Marcelo Munhoz. Sábado (3), às 16h, no Sesi Campinas Amoreiras.

Espectáculo ilusionista

✳Comemorando 10 anos em cartaz, o espetáculo 'Como é que pode?' com uma circulação nacional por 10 cidades do interior do Rio de Janeiro e São Paulo. Com texto de Gabriel Louchard em parceria com Maurício Rizo, roteirista de 'A Grande Família', 'Tá no ar a TV na TV' e vários outros programas de sucesso da emissora global, o espetáculo que já foi apresentado até nos Estados Unidos, conta com mais de



A peça brinca e questiona situações cotidianas



João Suplicy se apresenta hoje, no Sesi Campinas Amoreiras



O 'Planeta Oca' se apresenta neste sábado

meio milhão de pessoas que já assistiram em aproximadamente 600 apresentações. Por ser um show interativo, que mistura stand up comedy, esquetes de humor, vídeos e números de mágica, a peça tem um dia diferente do outro, com boa dose de improviso. O espetáculo originalmente é dirigido por Leandro Hassum e Gabriel Louchard e Maurício Rizzo fizeram algumas adaptações especialmente para celebrar os 10 anos do projeto. A apresentação acontece hoje (2), às 20h, no teatro Teatro Polytheama, em Jundiaí. Informações: (11) 4589-6823 e site: www.sympla.com

MPB em Sosas

✳A Rabeca Cultural, em Sosas, recebe o show 'Esquinas', com a cantora Miriam Silvestre e o guitarrista Matheus Dutra .

A apresentação une música e elementos visuais para contar histórias, trajetórias e encruzilhadas vividas pela cantora. O espetáculo traz arranjos originais para canções de artistas como Djavan, Rita Lee, Itamar Assumpção, Ná Ozzetti e Douglas Germano, acompanhados por projeções inspiradas nas artes criadas por Mônica Ferretti e direção cênica de Marco Pedra. Nesta sexta-feira (2), às 20h.

LAZER

Instituto Rubem Alves

✳O Instituto Rubem Alves em Campinas é um centro cultural e memorial dedicado a preservar, pesquisar e difundir o legado intelectual, literário e humanista do educador, escritor e psicanalista Rubem Alves. Aberto ao público de terça a sexta-

-feira, das 10h às 16h (entrada gratuita para o acervo pessoal) na rua Dr. Albano de Almeida Lima, 388 – Jardim Guanabara, Campinas. Aos finais de semana e feriados, o atendimento ocorre mediante agendamento prévio. o Instituto oferece reservação de acervo: Guarda objetos pessoais, manuscritos, documentos e o acervo editorial construído pelo autor; atividades culturais com promoção de rodas de conversa, exposições, cursos e eventos voltados à educação, literatura e ao incentivo à leitura; apoio a pesquisas, com ponto de encontro e referência para estudiosos interessados na filosofia e na visão de educação humanista de Rubem Alves. Rubem Alves integrou a Academia Campinense de Letras (ACL), reforçando sua ligação com a vida literária da cidade. O poder le-

gislativo também lhe concedeu o título de Cidadão Honorário e a Medalha Carlos Gomes, em reconhecimento à sua contribuição para a cultura. Ele escolheu Campinas como lugar de vida e Campinas o reconheceu como patrimônio intelectual e afetivo. Para ficar atento às novidades basta acessar a página oficial do Instagram [@institutorubemalvesoficial](https://www.instagram.com/institutorubemalvesoficial)

Festival do Morango com culinária asiática e shows

✳Valinhos será palco do 'Festival do Morango' e 'Ásia Festival', que acontece no estacionamento do Carrefour Valinhos/Campinas. Com entrada gratuita na sexta-feira, das 17h às 22h; sábado e domingo, das 12h às 22h, o evento contará com atrações musicais, culinária asiática e receitas especiais com morango.

CORREIO CULTURAL

MOARA SEMEGHINI



Vivian Fernandez/Divulgação

Grupo faz temporada de 12 sessões no TAO, sede do grupo

Os Geraldos apresenta ‘Saudade’, de graça

O grupo Os Geraldos apresenta o espetáculo “Saudade” em temporada gratuita de 12 sessões no Teatro de Arte e Ofício (TAO), em Campinas, de 1º a 18 de outubro. Dirigida por Douglas Novais, a peça aborda infância, morte e memória ao narrar a história de um vilarejo onde a relação das crianças com a perda é transformada. Inspirada em Viriato Correia e Rubem Alves, a monta-

gem reúne 13 intérpretes que executam canções ao vivo em cinco idiomas. O projeto celebra os 18 anos do grupo campineiro e fortalece a realização de temporadas continuadas fora das capitais. Os ingressos gratuitos devem ser retirados uma hora antes das apresentações na bilheteria do TAO (Rua Conselheiro Antônio Prado, 529 - Vila Nova).

Whindersson no Oficina

Whindersson Nunes retorna a Campinas com a turnê “Isso Definitivamente Não É Um Culto”, em cartaz de sexta a domingo (dias 2, 3 e 4) no Teatro Oficina do Estudante Iguatemi. O espetáculo reflete sobre saúde mental, redes sociais, comportamento e espiritualidade com humor afiado e inteligente. As apresentações ocorrem na sexta-feira, às 21h; no sábado, às 19h (extra) e 21h; e no domingo, às 19h. Os ingressos custam entre R\$ 80,00 e R\$ 160,00. A classificação indicativa é de 16 anos.

Criança na Sinfônica

No dia 3 de outubro, às 10h30, o Teatro Castro Mendes recebe a Sinfônica de Campinas no concerto “Heróis & Lendas”. Sob regência de Natália Larangeira, a apresentação reúne trilhas de Star Wars, Harry Potter, Frozen e Moana. Ingressos a R\$ 30 e R\$ 15 (meia) na Sympla.

Cinema no MIS

O MIS Campinas exhibe em outubro uma programação de cinema com sessões gratuitas. A agenda traz filmes de Bergman, Kurosawa e Glauber Rocha, a estreia de “Odete” (20/10) e um especial de Halloween no dia 31/10. O museu fica na Rua Regente Feijó, 859 - Centro, Campinas.

Iguatemi terá bate-papo com Monja Coen

Leandro Marcondes de Melo

O Iguatemi Campinas recebe Monja Coen no dia 8 de outubro, às 19h30, no Teatro Oficina do Estudante. O evento conta com bate-papo e lançamento do livro “Monja Coen de janeiro a janeiro: Inspirações para uma vida consciente”. Para garantir ingresso, é preciso comprar a obra na Livraria da Vila do shopping. A ação é válida para os 500 primeiros exemplares adquiridos.



Divulgação

A banda mineira Lagum e o cantor e compositor Chico Chico: dia 3 de outubro, a Expo Dom Pedro

Lagum e Chico Chico dividem palco na Expo Dom Pedro

Dez anos da banda mineira e fase efervescente do compositor carioca marcam a noite de sábado, dia 3

POR MOARA SEMEGHINI

A cena da música brasileira contemporânea ganha um encontro de peso em Campinas. No dia 3 de outubro, a Expo Dom Pedro abre suas portas para receber, em uma mesma noite, dois dos nomes mais expressivos da nova safra nacional: a banda mineira Lagum e o cantor e compositor Chico Chico. Longe de seguir o formato tradicional de show de abertura e atração principal, a proposta do evento é oferecer ao público duas apresentações completas, permitindo um mergulho profundo nas distintas identidades e universos sonoros dos artistas.

A apresentação acontece em um momento de ápice e celebração para a Lagum. Poucas semanas antes de desembarcar no palco campineiro, o grupo mineiro viveu um dos capítulos de maior projeção de sua trajetória ao ser escolhido para abrir os shows do Maroon 5 no Brasil, dividindo o palco com os gigantes do pop rock internacional nas cidades de São Paulo, São José do Rio Preto e Salvador.

A noite ganha um destaque ainda mais especial com a recente celebração da terceira indicação de Chico Chico ao Grammy Latino, feito que consolida de vez sua relevância na linha de frente da nova música brasileira. No palco do Expo Dom Pedro, o cantor e compositor carioca apresenta o



Divulgação

O cantor Chico Chico

repertório da turnê “Deixa Arder”, marcada por uma entrega cênica visceral, poesia marcante e a potente fusão entre MPB, rock e blues. O prestigiado reconhecimento internacional premia uma trajetória autoral sólida e em constante ascensão, reafirmando a força e a autenticidade de suas composições.

O ano de 2026 carrega ainda uma forte carga simbólica para o quarteto. Marca exatamente uma década do lançamento do disco de estreia, “Seja o Que Eu Quiser” (2016). Foi naquele trabalho inicial que a banda gravou a em-

blemática faixa intitulada “2026”, projetando um futuro que parecia distante — e que agora se concretiza em meio a grandes palcos e novos projetos. Atualmente na estrada com a turnê “Lagum em Todo Lugar”, o grupo revisita essa caminhada de dez anos consolidando sua força no pop rock nacional.

Do outro lado desse encontro, Chico Chico traz a Campinas a pulsão visceral de seu trabalho solo. O artista atravessa a segunda etapa da turnê do álbum “Let It Burn / Deixa Arder” (2025), projeto que, após acumular sessões esgotadas em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, passou a integrar o circuito de grandes festivais do país em 2026.

Transitando com facilidade entre o rock, o pop e as brasilidades, Chico carrega o reconhecimento da crítica e do público. O músico traz no currículo indicações ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira por “Pomares” e pela canção “A Cidade”. No palco, o carioca combina o peso de suas composições autorais com releituras marcadas por arranjos intensos e marcantes.

Promovido pela Oceania Eventos, o show na Expo Dom Pedro celebra a efervescência da música autoral brasileira, unindo a vibração contagiante da Lagum à sonoridade crua e poética de Chico Chico em uma noite imperdível.

Com Isabella Daneluz e Enzo Campeão nos papéis principais, “Miraculous® Ladybug: O Show Musical” estreia neste sábado no Teatro VillaLobos

POR RAFAEL LIMA

Os fãs paulistas de Ladybug e Cat Noir têm um novo encontro marcado com os personagens a partir deste sábado (3), quando “Miraculous® Ladybug: O Show Musical” estreia no Teatro VillaLobos, no Shopping VillaLobos, em São Paulo. O “Miraculous: As Aventuras de Ladybug e Cat Noir” chega à capital paulista depois de passar por diferentes cidades brasileiras e permanece em cartaz até 1º de novembro.

Dirigido por Marlllos Silva, o espetáculo leva para o palco o universo de Marinette e Adrien, adolescentes que assumem as identidades de Ladybug e Cat Noir para proteger Paris.

À frente do elenco estão Isabella Daneluz, como Marinette/Ladybug, e Enzo Campeão, como Adrien Agreste/Cat Noir. Para Isabella, a preparação para interpretar a heroína trouxe uma reflexão que ultrapassa a própria história da personagem. Ladybug é conhecida pela coragem e pela responsabilidade, mas, para a atriz, sua principal lição está também na importância de não enfrentar os desafios sozinha.

“A Ladybug me fez refletir muito sobre isso: ser forte não significa precisar enfrentar tudo sozinha. Ter amigos, contar com quem amamos e saber pedir ajuda também faz parte da coragem”, afirma Isabella. Para ela, a experiência de construir a personagem mostrou que reconhecer a necessidade de apoio também é uma forma de força.

O desafio de viver dois personagens

Se Isabella encontrou na Ladybug uma personagem que a levou a refletir sobre amizade e coragem, Enzo encontrou no palco um desafio de atuação particularmente intenso: interpretar duas personalidades completamente diferentes dentro do mesmo personagem.

Adrien é mais sensível e carinhoso, características que o ator considera próximas da própria

Ladybug e Cat Noir chegam em terras paulistanas

Fotos: Joaquim Araújo/Divulgação



Com aventura, música e efeitos especiais, Ladybug e Cat Noir chegam aos palcos de São Paulo



personalidade. Já Cat Noir surge como seu contraponto, mais impulsivo, explosivo e até arrogante. A transformação entre os dois exigiu de Enzo um trabalho específico para encontrar a medida certa da personalidade do super-herói.

“São duas energias e personalidades bem diferentes. Enquanto o Adrien é mais parecido comigo, sendo mais sensível e carinhoso, o Cat Noir é o oposto, sendo bem impulsivo, explosivo e até um pouco arrogante”, conta.

O ator revela que foi justamente Cat Noir quem mais exigiu durante o processo de preparação. “Foi exatamente nele que tive mais trabalho pra conseguir

chegar no ponto certo”, explica. Para Enzo, porém, o desafio também se transformou em uma oportunidade de explorar diferentes possibilidades dentro da atuação. “É um ótimo exercício de atuação dar vida ao mesmo personagem com personalidade e energias opostas. Fiquei muito feliz e me senti bastante desafiado com essa dinâmica.”

No palco, Ladybug e Cat Noir enfrentam uma nova ameaça. Enquanto Marinette se prepara para comemorar seu aniversário, Hawk Moth utiliza seus poderes para drenar as cores do mundo e mergulhar Paris no caos. Marinette e Adrien precisam enfrentar

seus medos, assumir seus destinos e partir para uma nova batalha, que também envolve Rhinoceros e um novo vilão misterioso, Spectre.

A montagem combina canções conhecidas pelos fãs com composições inéditas criadas especialmente para o espetáculo. Cenas interativas também convidam a plateia a participar da aventura, enquanto cenários, elementos multimídia e tecnologia de palco recriam a atmosfera das ruas de Paris. A produção é realizada pela Passos na Arte e Touché Entretenimento.

Mais do que uma história de super-heróis, o musical explora

temas como amizade, trabalho em equipe, bravura e amor. É justamente nessa combinação entre aventura e relações humanas que os protagonistas encontram parte da força de seus personagens.

A equipe criativa reúne Laura Visconti na direção musical, Daniel Rocha nas canções originais adicionais, Danilo Santana nas coreografias, Gabriel D’Angelo no desenho de som, Felipe Antello no desenho de luz, Flávia Junqueira e João Azevedo nos cenários, Victor Aragão na cenografia executiva, Bruno Oliveira nos figurinos e Anderson Bueno no visagismo.

O elenco conta ainda com Sofia Ferrer, Victor Marinho, Nicole Lara, Lucas Cordeiro, Beatrice Miranda, Bia Passos, Bruno Albuquerque, Júlio Félix e Talihel, além de Marina Nogueira, Ana Júlia Cestaro, Alicia Silvano e Cassio Cöllares no ensemble. Giovanna Melo e Júnior Pires completam a companhia como swings.

Depois da temporada em São Paulo, o espetáculo segue para o Rio de Janeiro, encerrando a circulação nacional já anunciada. Na capital paulista, as apresentações acontecem às quintas e sextas-feiras, às 19h; aos sábados, às 13h, 16h e 19h; e aos domingos, às 16h e 19h. Os ingressos custam de R\$ 25 a R\$ 260. A classificação é livre e a duração é de 80 minutos.